

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 26 de outubro de 1902

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

CAPITÃO VALLE

E' com verdadeiro prazer que hoje, aqui, prestamos um preito de muita estima e consideração ao nosso retratado.

O sr. capitão Valle, se não é nosso patriota por nascimento, é-o, porém, no entranhado amor que dedica a Barcellos, por uma d'estas fundas sympathias que só nos cabe comprehendel-as e admiral-as.

N'aquella bonhomia que vinca com segurança a sua vida habitual, encontramos a justiça sem exaltação, a bondade sem affectação.

Calmo, sensato, o seu conselho pesa dinheiro, e, quando nos aperta a mão, sentimol-a amiga.

Ha muitos annos residente n'esta villa, quasi ou pouco depois da vinda do batalhão para esta terra, o nosso apresentado soube captar toda a amisade e respeito a que tem jus um homem de bem.

Por isso, repetimos, folgamos em lhe testemunhar, por esta forma, a nossa respeitosa consideração, fazendo, assim, quanto nos caiba em forças, o proclame das suas bellas qualidades e enriquecendo, tambem, esta galeria illustrada.



O JORNALISTA E O MEIO

II

Um grande perigo para o homem jornalístico e que este, se tiver a exacta comprehensão dos seus deveres moraes e sociaes, deverá sempre evitar, é a campanha pessoal na imprensa. O jornalista deve reagir com tenacidade contra as

tendencias do meio, que de ordinario, se apraz em assistir de palanque ás polemicas vergonhosas travadas no jornal—para applaudir entusiasticamente aquelle que mais lama tiver lançado ao rosto do adversario.

E' assim o chamado publico das... galerias. Passa os olhos, indifferente e aborrecido, por qualquer artigo em que se falle da questão economica, da instrucção popular, do progresso da nação, da economia social ou, emfim, d'alguns d'esses varios problemas politicos e scientificos que constituem o assumpto dos sabios e intellectuaes de todos os paises. Se, porém, esse publico descobre ao canto do jornal algum *suelto* escripto em estylo baixo e depravado, que

se refira á vida particular ou a factos passados no lar domestico do personagem visado—escripto, em regra por um desautorizado—todo elle é anciedade e contentamento, esfrega as mãos de alegria e não cessa de exclaimar que «aquillo está bom, vale a pena ler-se, e muito bem escripto, etc.».

E, apesar d'isto, a missão da Imprensa na lucta pelo seu grande Ideal, é bem mais digna e honesta que a obra d'esses vis propaladores das miserias intimas da vida alheia. Deve proteger os humilhes, ensinar os ignorantes, defender a Verdade contra a Mentira e, principalmente, guiar as grandes massas no caminho da Justiça sempre que se torna preciso dar-lhes uma direcção segura para lhes uniformisar as forças e tornar-lhes válidos os seus esforços. E se alguma vez é necessario combater a obra

A LAGRIMA

dos Infames, deve fazel-o fóra do campo das retaliações pessoases, apreciando os actos dos sicarios nas suas manifestações publicas, de que teem a dar contas á sociedade. Em duas palavras, a missão da Imprensa é educar e moralisar.

«E que fim educativo poderá ter o dizer-se que «um tal Sicrano rouba o patrão sob o pretexto de que este ganha muito e paga pouco, que Beltrano tem uma vida dissoluta com amasias na taberna e no alcouce, etc.» Com certeza que isto só pôde produzir a desorientação do publico ignorante e por isso o jornalista deve afastar-se cautelosamente da narração de taes incidentes. Nada mais adequado ao procedimento de taes infames. Podemos até suppor uma hypothese; perguntamos nós: um sujeito depois de escouceado por um burro de quem já foi dono deverá pôr-se a fazer considerações: «porque me deste o couce? que mal te fiz eu? se até já te metti palha na bocca? se até te ensinei o modo de melhor puxares a carroçal etc?» Parece-nos que não; o mais prudente é afastar-se do animal para evitar nova aggressão, ou, quando muito, applicar-lhe duas chicotadas para ver se o correctivo produz o effeito desejado.

E' por isso que nós dizemos que a Imprensa não deve gastar a sua energia em discussões inúteis, e muito menos, concorrer com a divulgação das vergonhas da vida alheia para a desmoralisação do publico mal educado.

ALGUEM

Assim como o burro não se avalia pelas grandes orelhas, assim tambem o homem não se afere pelo nome muito comprido.

O grande escriptor, o notavel romancista, o energico polemista, o fino observador das misérias do mundo, era conhecido simples e unicamente pelo—Camillo—. Poucos lhe juntavam o appellido Castello Branco e jamais pessoa alguma lhe chamou Visconde de Corrêa Botelho.

Dos bicos da nossa penna, molhados em tinta do João da Esquina, caem-nos estas palavras por termos lido uma declaração d'um individuo que, alem de fazer o nome maior, e quasi tão grande como a legua da Povoá, mette-lhe de permeio um *Eufemio*.

E', pois, precisamente este *Eufemio* que nos enguiçou, ou, melhor dizendo, com que enguicamos.

A palavra *Eufemio* é evidentemente composta de duas, *eu* e *femio*. *Eu* é um pronome pessoal que se applica a um individuo de qualquer dos dois generos, masculino e feminino; *femio* é um adjectivo com a mesma significação de *feminino*. Ora o masculino de *femio* ou *femea*

é *macho*, portanto concluímos nós, com toda a força das regras grammaticaes, que o novo nome do tal sujeito deve ser *Eumacho* e nunca *Eufemio*, salvo se se quer mostrar pelo qualificativo do *femio* que se usam funcções eguaes ás de *Eufemia*, nome sómente para mulher. N'esse caso...

Resumindo: *Eufemea* nome de mulher, *Eumacho* nome de homem, e para não haver duvidas appellamos para os etymologistas.

Para evitar erroneas supposições pede-se outra declaração substituindo o *Eufemio* por *Eumacho*, de que até resulta mais originalidade.

Conselheiro Joaquim Gualberto de Sá Carneiro.—Indicações Juridicas e Judiciaes—Carta aberta ao Sr. Conselheiro Arthur Alberto de Campos Henriques.

Se, em regra, se pôde dizer que «o estylo é o homem», quanto ao sr. conselheiro Sá Carneiro pôde afirmar-se que elle o photographa.

Mais frisantemente: o nosso amigo precisou do estabelecer o seguinte dilemma—a prosa deve ser como a linha recta, curta entre dous pontos: principio que se estabeleceu e fim a que se mira.

E o que o advogado é escrevendo, é-o, por egual, na consulta. Assim, o consultante ao transpôr o limiar do seu escriptorio, recebe expeditamente o cumprimento, a indicação do lugar em que tem de assentar-se e o esclarecimento (com a respectiva desculpa) da demora que tem de soffrer.

Chegada a sua vez, em ligeiros traços—gracas á prodigiosa memoria do nosso advogado—o cliente tem focada a questão em ligeiros instantaneos.

E vemos sempre o nosso homem harmonisado em todo o seu *modus*. Nos proprios originaes destinados á typographia. São escriptos no primeiro papel á mão, a lapis ou a penna, com uma familia prodigiosa de breves, tão *professionaes*, que o typographo tem de o dar ao diabo, como os individuos de quem elle seja *contrario* nas lides forenses. Ainda na rua encontramos o mesmo, quando, como uma flecha, se dirige de casa para o escriptorio, ou d'este para o Tribunal.

O sr. conselheiro Sá Carneiro é o homem que mais trabalha no concelho de Barcellos!

A phrase ingleza: «Tempo é dinheiro», tem a profunda consagração de s. ex.^a

...E foi, furtando-se aos labores diarios, na saudavel praia d'Apulia onde aborda todos os annos, que elle compendiou apressadamente, sob o titulo d'esto *suello*, uma colleção de pontos duvidosos em direito, a miude encontrados na pratica por s. ex.^a E' uma pancada de de-

A LAGRIMA

cretos e leis, confusos, a desorientar a applicação da Justiça, com desprestígio para ella e com escusado dispendio para as partes!

Bastantes pontos fêre o sr. conselheiro, dignos de registro, e que pena é a pequenez do espaço não nos deixar trazêr para aquí alguns.

Cumprimentamos o nosso amigo por o seu trabalho, que, quando outros merecimentos não tivesse, que os tem e muitos, possui a originalidade de ser o primeiro trabalho que, n'estas condições, se publica no paiz.

Meu caro redactor:

Desejo-te saude e aos pequenos, nos quaes é incluída a «Lagrima». E sem tempo para mais cumprimentos, entro no assumpto d'esta.

Tu conheces Espinho? A praia para onde debandam as *salerosas* hespanholas? Com a sua assembleia larga, espaçosa? Com a tradicional pesca da sardinha feita sobre barcos de pontas em *meia-lua*? Podes conhecê-la, emfim, em todas estas e outras minudencias a que não é alheio o progresso, mas o que tu desconheces, com certeza, são alguns inconvenientes da civilisação (apezar de teres lido o ultimo livro de Eça de Queiroz, creio que *Cidales e Ser-ras*), que experimentei, mau grado meu. Vaes vêr.

Estava este anno n'aquella praia um nosso patricio, amavel e obsequiador, com deposito de bicycletas e moto-cicles. Rapaz franco, para não desmerecer aquellas qualidades, de prompto, feitas as apresentações do estylo, me offereceu esses meios de locomoção. Deu-se o caso de estar n'essa altura no estabelecimento do filho d'este concelho um distincto medico da armada a quem muito interessavam as coisas do cyclismo.

O sr. Silva—assim é o sobrenome do agenciador em questão—sabia ha muito tempo o meu gosto por pedalar e querendo tambem ser agradável ao medico presente, aproveitou o ensejo para repetir os seus offerecimentos e perguntou-me se sabia andar em moto-cicles; ora eu que sou dos d'antes quebrar que torcer, não quiz dar parte de fraco e fiz um gesto affirmativo. Accendeu-se a gazolina, poz-se o moto em acção de funcionar e záz! saltei para cima da machina, desatando logo a fugir com um pequeno impulso dado no pedal.

Necessariamente escusado será dizer-te que não conhecia o funcionamento do aparelho-motor, aliaz complicado, confuso para a minha inexperiencia e ia, pois, como sobre um cavallo selvagem, á tóa, ao destino, á sorte!

Depois de já ter corrido as principaes arterias de Espinho n'um andamento regular, naturalmente pensei que estava em caminho do... nebuloso.

Como parar a machina infernal? Vamos a experiencias, disse com os meus botões. Faço uso de uma torneira (ou que mais proprio qualificativo tenha) e se a velocidade até então era regular tornou-se n'um apice rapida, veloz, vertiginosa! Parece-me que se apanhasse em cheio sob as rodas do andarilho toda a povoação de Espinho a desfazia immediatamente em papas, n'um abrir e fechar d'olhos.

De novo pensei: como parar? Cego na carreira eu evitava como podia os atropellamentos e dava tratos á imaginação a pensar no meio mais facil de *quedar*. N'esta altura, para consumir a gazolina, lembrou-me ir á Granja, a Ovar, ao Porto, ou mesmo á lua, pois ás nuvens fui eu por muitas vezes...

Bem; toca a tentar novas explorações nos segredos do animal de rodas. E... aqui está o desastre: faço uso de nova torneira e a machina pára de chofre, indo esbarrar-me pastosamente, pesada e medonhamente sobre o macadam da avenida Mouzinho d'Albuquerque! Uma senhora, ao lado, debruçada á janella, estalou uma risada fininha que me souu tão desagradavelmente como a *cantiga* dos trombeteiros em noite calma; um grupo de janotas que andava flanando pela avenida solta uma grande salva de palmas, tendo uma d'elles o atrevimento de me ir dar os parabens; o rapazio *faz pendant* com tudo isto berrando estridentemente e dando assobios infernaes. Para cumulo de desgraças, olho para mim e vejo-me esfarrapado, rôto, sujo... o diabo. Quiz seguir, já não digo o meu destino, mas... o meu fudo. Ponho-me ás cavalleiras do *bicho*, mas isso de mover-se é que não tomava, nada... Empurro; torno a empurrar e o «bruto a nada se movia». Novas explorações. Faço pressão sobre o *pistão* já meu conhecido e eis que triumphante caminhei impavido e sereno pelas ruas fóra, em direitura ao ponto de partida. Depois... só encontrei um registro para a perda do vapor mas tinha chegado ao méta—no cimo do Calvario.

E... p'ra nunca mais, meu redactor...

Barcellos, 20-10-2

Juca

No dia 15 arrêmataram-se uns fóros da Santa Casa. Estava lá o Zé da Mãe que elevou a tal ponto o lançamento que fez fugir os restantes concorrentes. Quando ia para assignar o termo da arrematação e se lhe exigia um fiador, o Zé disse muito prompto:

—Eu não assigno nada, porque isto não é p'ra mim.

—Então p'ra quem é?

—É... é... O sr. Francisco Carmona bem sabe.

—Eu? Eu não sei nada...

—Mas sabe o sr. Martinho.

A LAGRIMA

—Eu!?

—Então—dizem-lhe—você vem arrematar sem saber para quem?

—Sei, sim senhor; é p'ra um carpinteiro que anda a construir o anteparo da Igreja.

—E como se chama?

—Não sei:

E mandaram chamar o carpinteiro que disse á Meza que não sabia nada!!!

CHRONICA VERSATIL

Sinto lagrimas nos olhos,
De dôr a alma estalar,
Sinto o peito a arquejar?
Na mais viva commoção.
E tremo todo de angustia
Fremente, desesperada,
Já sinto a alma quebrada
E gemente o coração.

«A sua mão é de neve,
Encanto da natureza,
Ai! quando a aperto entre as minhas
Morre me logo toda a tristeza»

Soluço como um doidinho,
Choro de dor e de magua,
Tenho os olhos rasos d'agua
Que já não posso estancar.
Meu Deus! que raio de dôr!
Dae-me forças, dai-me alento.
Ai! Jesus! qu'en arreventol
Raios partam tanto chorar!

«Que te custa, ó donzella
Deixas-me dar-te um beijo?
Vamos, anda, consente,
E' esse o meu desejo.»

Ih! ih! malditos soluços!
Jesus! Que dôr de barriga!
Venha um chásinho d'origa
Ou flôres de lorangeira.

.....
Mas quem me fez tudo isto?
O livro «Adejos», formoso,
Do poeta marviôso
Sôr Dominguiños Ferreira!..

Furão

Theatro Gil Vicente

Como era de esperar do extraordinario talento de Ferreira da Silva foi verdadeiramente magistral a interpretação que aquelle grande actor deu ao «Avarento».

A expectativa do publico, ancioso por admirar um dos nossos melhores grupos dramaticos, ficou plenamente satisfeita com o magnifico

desempenho do drama. De resto, a justa nomeada de Ferreira da Silva torna desnecessarios qualificativos elogiosos que nunca o glorificam tanto como a opinião unanime de todas as pessoas que assistiram ao desempenho da peça.

Foi unicamente para lamentar que na melhor parte do drama—quando roubam o cofre ao Harpagão—um grupo de espectadores, movidos por um enthusiasmo natural, interrompesse o trabalho com uma salva de palmas que transformou muito o effeito d'aquella scena.

Na quarta-feira representa-se o «Commissario de Policia», em que Valle, um dos nossos melhores actores comicos, é absolutamente inimitavel.

Poucos bilhetes ha.

Por aqui e por ali

Nem todos as pessoas nos offendem. Pólem offender, segundo a lei, mas não de facto... E' preciso attender á *qualidade* do offensor.

*

Certo individuo com um nariz grande como um cometa:

—Hei-de intrigar B. com Z., porque B. é um maroto.

—Homem, pois tu bebeste tanto vinho á sua meza...

—E' um maroto, tenho dito.

—Já sei! Zangaste-te com elle. Emprestou-te dinheiro... Sim... se queres ganhar um inimigo empresta-lhe *massas*.

*

De S. Romão do Fonte Coberta foi-nos endereçada uma carta anonyma cheia de ralatos nojentos. Temos a dizer ao auetor: escreva outra, assigne-a e mande-a ao destinatario.

Eganou-se na porta.

Notas diversas

Desle a ultima quarta-feira que cessou a carreira diaria entre esta villa e Encourados. Aviso ao padre Coelho e outros, d'ali.

—O sr. dr. Mattos, frisando o seu gosto pela aldeia: «Eu, no campo, quando vejo duas casas juntas... já me cheira a *villa*».

—Retiramos, por falta de espaço, um relato de certa festa intima em Santa Eulalia de Rio Covo, da lavra d'um dos mais distinctos collaboradores da *Lagrima*, que trabalha a prosa admiravelmente.

Entrou para a nossa redacção o sr. Herculano Nunes. Chegou da Faxa (Ponte do Lima) o nosso collaborador sr. Arthur Vieira.

Partiram hoje para S. Bartholomeu o nosso director sr. Augusto Soucazaux e o redactor sr. Arnaldo Braz. Encontra-se n'esta villa o nosso collega de redacção, sr. Domingos Garreira.

Não parece o movimento da redacção do „Seculo“!